

ENCRAVES DE CERRADO NO INTERIOR DO CEARÁ *

MARIA ANGÉLICA FIGUEIREDO
AFRÂNIO FERNANDES **

RESUMO

Nova ocorrência de cerrado é registrada para o Ceará. Localiza-se no sul do Estado e apresenta-se em manchas sobre solos profundos e relevo tabular em longas superfícies dissecadas com penetração de flora de caatinga, tratando-se de uma relíquia vegetacional.

OCCURRENCE OF "CERRADO" IN THE STATE OF CEARÁ, BRAZIL

SUMMARY:

A new occurrency of "cerrado" is reported for the State of Ceara. It is located at the south of the State and show spots on deep soils and that relief in long surfaces that are dissected with penetrancy of the "caatinga" flora. Also, 33 species of "cerrado" is listed in this paper.

PALAVRAS-CHAVE: Cerrado, Vegetação.

INTRODUÇÃO

A vegetação de cerrado tem no Planalto Central do Brasil, especialmente

em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, sua área nuclear de ocorrência. Áreas disjuntas foram posteriormente identificadas em São Paulo e Paraná. Estudos na Região Amazônica vieram depois revelar a existência de cerrado em forma de "ilhas", meio à Floresta Equatorial (FERRI³).

No Nordeste foram desenvolvidos trabalhos na Zona da Mata, onde são apontadas áreas com cerrado nos tabuleiros da Paraíba (FERRI³). FERNANDES & GOMES⁴ apresentaram a primeira ocorrência de cerrado no Ceará em um trabalho intitulado "Plantas de Cerrado no Litoral Cearense".

O Estado do Ceará, contido quase que totalmente no domínio semi-árido, mesmo assim, apresenta um clima ameno no litoral, com solos profundos decorrentes de material do Grupo Barreiras, o que permite ainda a permanência das espécies de cerrado nesta área.

LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A nova ocorrência de cerrado, agora registrada para o Ceará, localiza-se em pleno semi-árido nas microrregiões de

* Trabalho desenvolvido com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará.

** Docentes da Universidade Federal do Ceará e Pesquisadores do CNPq.

Iguatu, Sertão do Salgado e Serrana de Caririçu.

A área de estudo situa-se próxima ao sul do Estado, circunscrita pelas coordenadas de 6°38' a 7°05' de Latitude Sul e 39° a 39°30' de Longitude Oeste de Greenwich, abrangendo terrenos dos municípios de Várzea Alegre, Lavras da Mangabeira, Farias Brito, Granjeiro, Caririçu e Aurora.

A região é intensamente falhada, apresentando os lineamentos de direção Oeste-Leste, convergindo para o lineamento de Patos na Paraíba. A área em estudo situa-se entre as falhas de Várzea Alegre, Granjeiro e de Cuncas.

O relevo é constituído por superfícies dissecadas em cristais estruturais com vales e interflúvios alongados. Os interflúvios já em adiantado processo de dissecção guardam estreitas superfícies horizontais, apresentando em suas vertentes sulcos paralelos que acompanham geralmente as fraturas.

Estas feições podem ser observadas próximos às localidades de Quitauís, Granjeiro, Riacho Verde, Monte Pio, Naraníú, Vacaria, Cariutaba etc.

Os solos aí encontrados são profundos (2m), vermelhos com tonalidades bem diferenciadas nos horizontes sub-superficiais, bem drenados, não apresentando mosqueado na subsuperfície e bem estruturados. Tais feições caracterizam o Podzólico que aparece na região ao lado de outros tipos, como o Bruno-Não-Cálcico. Substrato cristalino aliado às chuvas concentradas na área, em um curto período, não poderia proporcionar mantos de intemperismos tão profundos, como os que se encontram na região. Por outro lado, linhas de pedras dispostas no interior do manto de alteração assemelham-se a antigos diques que resistiram mais ao intemperismo do que o material no qual se encontram mergulhadas. Facetados e alvos, os seixos, ora de feldspato, ora de quartzo, destacam-se nos solos vermelho-escuro, formando linhas de pedras.

Os níveis conservados tabulares são conhecidos na região sob o nome popu-

lar de "tabuleiros" e abrigam quase sempre a vegetação de cerrado, podendo também esta vegetação descer pelas encostas dos mesmos.

ANDRADE & LINS² mostram que em Pernambuco a linguagem popular distingue empiricamente os glacis de erosão (as chãs) dos glacis de acumulação (os tabuleiros das chamadas barreiras ao longo da costa). Por outro lado, MABESONE & CASTRO⁵, estudando o desenvolvimento geomorfológico do Nordeste do Brasil, propõem o termo Superfície Sertaneja (AB'SABER¹) para uma superfície antiga, exumada posteriormente, enquanto seu equivalente na faixa costeira elaborado sobre sedimentos e constituindo o glacis de acumulação, se denomina de Superfície dos Tabuleiros.

A distinção nos termos tabuleiros sertanejos e tabuleiros litorâneos conhecida no Ceará evidencia, embora empiricamente, processos opostos a que estão submetidos os tabuleiros.

A VEGETAÇÃO E A FLORA

Sobre os tabuleiros sertanejos, nas áreas antes referidas, encontra-se uma vegetação cuja fisionomia, inicialmente, levou os autores a investigações mais profundas por apresentar diferenças com a vegetação circunvizinha. São indivíduos arbóreos esparsos, apresentando caules muito suberosos e fendilhados, folhas largas na maioria das plantas e persistentes. Esta sinúsia descontínua e arbórea é associada ao estrato contínuo de herbáceas.

A comunidade com estas feições vegetacionais ocorre dispersa em forma de manchas, ocupando os níveis planos dos topos dos tabuleiros e muitas vezes, chegando a descer às encostas.

Constatou-se, no entanto, que os topos tabulares são retalhos de um recobrimento maior que abrangeu ampla área, ficando hoje apenas relíquias.

Este fato é evidenciado pela evolução global da paisagem, notadamente no que se refere à estrutura superficial e aos solos. O intemperismo profundo (2,5m)

no material pedológico ali existente, em pleno semi-árido, confirma a ocorrência de condições climáticas diferentes das atuais, que possibilitaram o desenvolvimento daqueles perfis. Acrescente-se, ainda, a evidência de intemperismo químico que sobrepuja os materiais advindos de intemperismo físico, denotando mais uma vez que as precipitações foram mais volumosas do que as atuais.

Assim como subexistem as reminiscências do antigo nível de aplainamento mais amplo, hoje testemunhado pelos topos planos e já isolados dos tabuleiros, bem como os paleo-solos, resistindo ainda à erosão acentuada a que estão sub-

metidos com a semi-aridez que se instalou, também a cobertura vegetal, embora seja a mais "agonizante", permite, por sua vez, retratar pela fisionomia e confirmar pela flora a comunidade pretérita. As espécies de cerrado coletadas encontram-se na Tabela 1.

As modificações climáticas a que tem sido submetida a área vem acarretando a degradação do relevo, do solo e da extensão das manchas de cerrado, possivelmente com o extermínio das espécies mais sensíveis, em especial nos picos críticos dos períodos secos prolongados.

As manchas de cerrado ora em estudo situam-se nos tabuleiros entre 280 a 600m. Nestes, as espécies de caatinga já

TABELA 1:
Plantas Encontradas na Área de Cerrado no Sul do Ceará, 1987.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	FAMÍLIA
<i>Aspidosperma cuspa</i> (H.B.K.) S.F. Blak.	Pereiro-branco	Apocynaceae
<i>Anacardium microcarpum</i>	Cajuí	Anacardiaceae
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers	Marfim	Opiliaceae
<i>Bredemeyera floribunda</i> Wild.		Polygalaceae
<i>Byrsonima crassifolia</i> H.B.K.	Murici	Malpighiaceae
<i>Brosimum gaudichaudi</i> Trec.	Inharé	Moraceae
<i>Chamaecrista flexuosa</i>		Leguminosae
<i>Curatella americana</i> L.	Sambaíba; Lixeira	Dileniaceae
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvoeiro	Vochysiaceae
<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart) Mart. et DC	Carobinha-verde	Bignoniaceae
<i>Senna trachypus</i> (Mart. ex Benth)	Canafistula	Leguminosae
<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. & Sch) Pillg.	Pacoté	Cochlospermaceae
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tull.	Fava-danta; Faveira	Leguminosae
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá-de-veado	Leguminosae
<i>Jacaranda brasiliana</i> Pers.	Caroba	Bignoniaceae
<i>Krameria tomentosa</i> St. Hill	Carrapicho-de-cavalo	Leguminosae
<i>Lafoensia replicata</i> Pohl.	Romã	Lythraceae
<i>Luehea paniculata</i> Mart.		Tiliaceae
<i>Lippia microphylla</i> Chans.	Alecrim	Verbenaceae
<i>Lippia</i> sp.	Alecrim	Verbenaceae
<i>Lonchocarpus araripensis</i> Benth.	Angelim	Leguminosae
<i>Magonia glabrata</i> St. Hill.	Tingui-de-bola	Sapindaceae
<i>Machaerium acutifolium</i> Vog.	Coração-de-negro	Leguminosae
<i>Maytenus</i> sp.		Celastraceae
<i>Myrcia</i> sp.		Myrtaceae
<i>Ouratea castaneaefolia</i> (DC) Engler.	Batiputá	Ochnaceae
<i>Platymenia reticulata</i> Benth.	Acende-candeia	Leguminosae
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Pau-terra	Vochysiaceae
<i>Rollinia</i> sp.	Bananinha	Annonaceae
<i>Simarouba versicolor</i> St. Hill.	Paraiba	Simaroubaceae
<i>Tabebuia ochraceae</i> (Cham.) Standl.	Milona	Bignoniaceae
<i>Tabebuia caraiba</i> (M.) Bur.	Craibeira	Bignoniaceae
<i>Tephrosia cinerea</i> Pers.	Anil-bravo	Leguminosae
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schal) K. Schum.		Rubiaceae
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth) Ducke.	Amargoso	Leguminosae

apresentam uma intromissão, competindo com as espécies de cerrado, não chegando ainda a mascarar a fisionomia. No entanto, a 30 ou 40 Km ao sul destes tabuleiros encontra-se a Chapada do Araripe com 950m de altitude, solos profundos, arenosos e extensão que chega a 180 Km de comprimento. Neste ambiente uma comunidade de plantas configura um quadro fisionômico próprio de Cerradão. Espécies como o Piqui (*Caryocar coriaceum* Wittm.) presente em abundância no Cerradão, assim como outras, não sobrevivem sob as condições reinantes nos topos tabulares hoje reduzidos e degradados, suportando as altas temperaturas que os circundam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AB' SABER, A.N. Participação das superfícies aplainadas nas paisagens do Nordeste

Brasileiro. *Geomorfologia*, São Paulo (19): 1–28, 1969.

2. ANDRADE, G. O & LINS, R. C. Introdução à morfoclimatologia do Nordeste do Brasil. *Arquivos do Instituto de Ciências da Terra*, Recife (3–4): 17–28, 1965.
3. FERRI, M. G. Contribuição ao conhecimento da ecologia do Cerrado e da Caatinga. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, São Paulo (195): 5–170, 1955.
4. FERNANDES, A. & GOMES, M.A.F. Plantas de cerrado no litoral cearense. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, XXVI. Rio de Janeiro, 1975, *Anais...* 1977. p. 167-173.
5. MABESOONE, J.M. & CASTRO, C. Desenvolvimento geomorfológico do Nordeste Brasileiro. *Boletim do Núcleo do Nordeste da Sociedade Brasileira de Geologia*. Recife (3): 5–35, 1975.